

O Estado de S. Paulo

25/6/2007

Matthew Shirts

Bugigangas e engenhocas

Quem me lê há mais tempo sabe que tenho curiosidade pelas bugigangas e engenhocas. Quando viajo, procuro sempre conhecer as lojas locais de produtos variados. Papelarias antigas e novas, supermercadinhos, lojas de materiais de construção. É um hábito que gosto de chamar de "interagir com o mercado". Soa melhor do que fazer compras, convenhamos.

Não sou de adquirir roupas chiques ou lembranças caras, nem automóveis, mas não resisto a uma bugiganga. Os parentes e amigos que viajam comigo já se acostumaram com esse comportamento, que consideram de excêntrico a irritante, de acordo com a situação. Se estou no sítio de um amigo, ou numa fazenda, pensam duas vezes antes de me mandar buscar cerveja, por exemplo. Sabem que demoro — um pouco, vai — para voltar. Mas costumo trazer, sempre que possível, alguma novidade encontrada na cidadezinha mais próxima.

O melhor boné que meu filho já teve achei na pequena cidade de Fronteira, em Minas Gerais, perto da divisa com São Paulo, por exemplo. É de cortador de cana: foi projetado para amainar as agruras desse trabalho árduo feito debaixo do sol inclemente. Quando Sammy o colocava, ficava parecido com uma versão em miniatura de Lawrence da Arábia, sem falar que protegia seu pescoço. Não sei que fim levou o boné, aliás. Faz tempo que ele não o usa. (É o tipo de cosia que, depois de um certo tempo, as mães costumam esconder ou jogar fora.)

Na estrada, adoro parar nos postos de abastecimento Lago Azul também. Para esse tipo de coisa, bugiganga, não existe lugar melhor, pelo menos no Brasil, quiçá na América Latina. Lá você encontra desde pequenos tratores adaptados para cortar grama a vinhos licorosos elaborados com frutas curiosas, sem falar de bengalas e chapéus de caubói em pele de leopardo (faux).

Nunca discuti a questão na psicanálise, mas desconfio que essa mania de procurar bugigangas tem origem nas viagens de carro que fazia com meus pais na década de 60 nos Estados Unidos. O escritor Bill Bryson fala um pouco do papel das lojas de estrada na formação emocional do americano médio em seu maravilhoso *Vida e Época de Kid Trovão*, a ser lançado, em julho, pela Companhia das Letras. Como ele, eu queria comprar de tudo, mas meus pais não deixavam.

Pensei nisso, na semana passada, ao receber da Gillette seu último e mais potente barbeador. Explico. Sempre que volto para os Estados Unidos, entro nas chamadas Drugstores. São farmácias, mas vendem de tudo. Para quem é chegado numa bugiganga, são verdadeiras ilhas da fantasia. Como volto para aquele país apenas de tempos em tempos, costumo encontrar novidades a cada viagem. Numa delas, faz tempo já, vi pela primeira vez o barbeador de três lâminas. Achei um exagero, engraçado, até. Duas lâminas sempre me pareceram o suficiente. A primeira fazia "tchaam" e a segunda fazia "tchum", lembra? E pronto, estava feita abarba.

O barbeador de quatro lâminas descobri em outra viagem, anos mais tarde, e mereceu uma crônica inteira. Seria uma brincadeira? Onde iríamos parar?, perguntei na época. Haveria um limite civilizacional para o número de lâminas? Achei curioso que uma tarefa tão cotidiana merecesse solução tecnológica de tamanha sofisticação. E que fosse, ao mesmo tempo, mais do mesmo e uma citação do modelo anterior: é uma metáfora da pós-modernidade.

Bom, esse último barbeador, acredite se quiser, traz nada menos do que cinco lâminas descartáveis. Cinco. E uma pilha! Vibra. Juro.

Fiz abarbo com ele na sexta-feira. É divertido, confesso. Funciona mesmo. Guardei-o ao lado da escova de dentes elétrica, no armário, para não estragar. Cada coisa!

(Página D8 — CADERNO 2)